

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

ABORDAGENS EDUCACIONAIS PARA UMA ARQUEOLOGIA PARENTE COM
COMUNIDADES TRADICIONAIS DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ, AMAZONAS

EDUCATIONAL APPROACHES FOR A KIN-MAKING ARCHAEOLOGY WITH
TRADITIONAL COMMUNITIES OF THE RDS AMANÃ AND FLONA TEFÉ, AMAZONAS

Maurício André da Silva*

Esta tese (SILVA, 2022) foi desenvolvida com famílias de duas comunidades tradicionais de Boa Esperança, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDS Amanã) e de Tauary, na zona de amortecimento da Floresta Nacional de Tefé (FLONA Tefé), no estado do Amazonas, em parceria com o Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural na Amazônia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). O objetivo geral da pesquisa foi compreender os impactos dos trabalhos arqueológicos e, especialmente, das ações de socialização do patrimônio arqueológico na vida das comunidades ribeirinhas, localizadas nesses territórios que buscam conciliar a conservação ambiental e o desenvolvimento humano. A primeira recebe a presença de arqueólogos(as) desde 2001 e a segunda desde meados de 2014.

Atuei por meio da escuta das histórias de vida de lideranças mais velhas, de professores(as), pescadores, artesãs, ex-seringueiros, entre outros moradores(as). Além disso, trabalhei com o desenvolvimento de ações de educação patrimonial com o público escolar, uma demanda antiga por parte dos(as) famílias. Trabalhei com a interdisciplinaridade entre os campos da história oral, desenvolvida na pesquisa de mestrado (SILVA, 2015), e da etnografia arqueológica. Esse processo ajudou na compreensão da distinção de mundos e as percepções das múltiplas temporalidades das coisas. Me dediquei à potencialização da escuta e da dialogia (FREIRE, 2014) inerente às práticas educativas, que parte de um movimento de atenção ao outro e de transformação conjunta do(a) educador(a)-educando(a). Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IDSM, ligado ao Sistema da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Uma exigência do IDSM, que obteve o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética n. 01878918.2.0000.8117. O CEP demanda a

* Doutor e mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP); arqueólogo educador da mesma instituição; colaborador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. E-mail: mauricio.andre.silva@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4325-9480>

preservação dos nomes das pessoas que participam do trabalho, gerando, dessa forma, desafios para os trabalhos colaborativos com as pessoas.

Como resultado foi compreendido que nossas marcas como cientistas para as comunidades são muitas vezes sutis e adormecem ao longo tempo. Porém nós, como pessoas que possuímos distintos marcadores sociais da diferença (como pais, mães, filhos(as), maridos, esposas etc.), somos inseridos facilmente nas redes de parentesco, somos lembrados como “o fulano que é casado com a pesquisadora tal”. A noção de família é crucial para as comunidades e estruturação das relações, quanto mais longe você se encontra desse modelo mais estranhamento é gerado, porém não menos acolhimento. Essa especificidade, que ouvi muitas vezes de diferentes agentes, como “aqui você não é parente, se você ficar, vai se tornar”, fez-me refletir que uma maneira da arqueologia ter relevância para as comunidades é a compreensão e a força efetiva das relações de compadrio, de autoajuda e, de maneira metafórica, a criação de laços através dos nossos trabalhos. Seria possível a prática arqueológica deixar marcas e rastros potentes como as relações de autoajuda para a criação e formação das comunidades?

As famílias nos convidam para fazermos uma arqueologia que leve em consideração suas histórias, que estão sobre e nos entornos dos sítios arqueológicos. Suas vidas e memórias estão misturadas com esses espaços, porém por meio de outras perspectivas. Por outro lado, nossa prática e nossas interpretações são apropriadas a todo instante e se mesclam às noções locais, que apontam para possibilidades de histórias não lineares e de contranarrativas ao tempo da modernidade. Um vestígio arqueológico indígena de dois mil anos antes do presente, classificado em nossas categorias, também é um pedaço da cerâmica que a avô fazia no meio dos seringais no começo do século XX. A história de longa duração indígena, facilmente construída pelos nossos aparatos científicos é achatada pelo tempo da memória e da experiência de vida.

Portanto, ao ouvir parte das comunidades, compreendi que a tradução possível de uma arqueologia colaborativa localmente pode ser uma arqueologia parente. Não é somente uma nova adjetivação para uma prática já realizada, mas possui em sua centralidade o reconhecimento do caráter pedagógico de uma arqueologia com as pessoas. As abordagens educacionais são o cerne do desenvolvimento de qualquer pesquisa em contexto comunitário, especialmente nas Unidade de Conservação (UCs) de Uso Sustentável, desde a mais tradicional até a mais decolonial, e não somente as famosas práticas da educação patrimonial, da arqueologia pública ou mesmo da educação ambiental. Essa arqueologia assume o processo de nomeação e visibilização do papel primordial das relações dialógicas e do seu caráter educacional, que ocorre em todos os momentos da pesquisa e não somente nos fechamentos de ciclos. Antes de sermos arqueólogos(as) nesses contextos, também somos convidados(as) a todo instante para sermos educadores(as). Especialmente devido ao papel de respeito que o(a) professor(a) tem localmente e sua inserção na vida comunitária. Esta pesquisa não se iniciou com uma proposta colaborativa, pois cheguei a campo com um projeto delineado, mesmo tendo sido escrito e fundamentado nas escutas de colegas pesquisadores(as), que me ajudaram a construí-lo para atender algumas demandas. Ao longo do processo, compreendi como poderia realizar uma prática mais próxima das pessoas, fui construindo laços de trabalho e afetivos com os(as) comunitários(as).

Existe uma forte gramática local que convida para a participação nas UCs de Uso Sustentável, devido ao surgimento da vida em comunidade e que teve influência dos pensamentos do Sul global. Por exemplo, a Teologia da Libertação, que fez uma opção pelos pobres no contexto de subdesenvolvimento da América Latina e fomentou a autonomia dos povos. Esse interesse da Igreja foi inovado por essa corrente ao entender que a população trabalhadora, camponesa, operária e subalterna é agente de sua própria história e da sua própria libertação, que não precisa ser tutelada. As pessoas deixam de ser compreendidas como passíveis das benesses de Deus e assumem sua responsabilidade histórica de transformação e mudança.

Outra influência vem da *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2014), que parte das ideias revolucionárias de Paulo Freire com o processo de alfabetização, que possibilitou uma visão crítica sobre o mundo. Essas duas correntes influenciaram respectivamente a atuação da Igreja Católica com a Prelazia de Tefé

e o Movimento de Educação de Base (MEB), que tiveram uma efetiva inserção local a partir da década de 1970, algo sempre lembrado pelos(as) mais velhos(as). Vários elementos que atualmente compõem as práticas colaborativas, circulam nas comunidades do Médio Solimões, desde pelo menos o final da década de 1970. Por outro lado, também não podemos desconsiderar as milenares relações de apoio, trocas e redes entre grupos indígenas do passado e do presente, que também conformam e marcam a vida nas comunidades ribeirinhas.

A pesquisa indica a força da vida em comunidade e aponta para alguns caminhos de uma arqueologia parente, influenciada pelas relações de compadrio e autoajuda. Remarqueei o autorreconhecimento da memória arigó, um termo usado para se referir aos migrantes da borracha, que vieram do Nordeste e que, segundo a visão local, não sabiam realizar as atividades na floresta. A sua superação, de um lugar de ofensa para uma posição de orgulho e a importância da percepção da anterioridade das interpretações locais antes da chegada da arqueologia.

Dessa forma, discuto sobre os alguidares de índio e as panelas dos(as) antigos(as), que são formas locais para a leitura dos vestígios arqueológicos e se conecta diretamente com a memória e experiência de vida; os estranhamentos com a temporalidade da arqueologia e sua periodização de mil, dois mil anos antes do presente e a latência indígena; os processos de aproximação e distância com a morte por meio convívio diário com os vasilhames cerâmicos que afloram nas comunidades; os aprendizados locais com a escavação amadora de uma urna pela comunidade de Boa Esperança; como a preservação arqueológica pode ser realizada e fundamentada em leituras distintas, como da ciência e das comunidades, mas com o mesmo benefício, manter os sítios arqueológicos abaixo da comunidade como o cimento dela; as curadorias locais de objetos arqueológicos e como a figura de crianças, professores(as), autodidatas e pesquisadores(as) se aproximam por um olhar de curiosidade para o mundo; a formação da coleção arqueológica da rádio comunitária A Voz da Selva, em Boa Esperança, pelo movimento de busca de brinquedinhos pelas crianças e os desafios para a gestão devido à mobilidade dos objetos na vida cotidiana; o achado das urnas de Tauary, que se vincula ao desejo de uma melhor educação local – com as reverberações no imaginário da comunidade – e o desejo da criação de um “muselzinho”, para que possa trazer benefícios à localidade.

Apresento ainda o impacto do retorno de algumas fotografias para a comunidade de Boa Esperança, que começaram a ser produzidas em 2001, porém estão fechadas em nossos computadores. Trato da experiência das pastas catálogo e a organização de fotografias de todo processo arqueológico realizado até o momento nas comunidades, como uma possibilidade de arquivos locais para a gestão dos dados. Compreendi que é crucial para as comunidades possuírem em mãos os dados arqueológicos de uma forma didática, pois possibilita a criação de mais vínculos com a arqueologia, assim como a produção de mais histórias e memórias. Também implementei a experimentação de uma instalação etnográfica em Tauary, com a apresentação dessas imagens, que possibilitou a ampliação do debate e da discussão sobre as pesquisas realizadas até o momento, assim como seus rumos futuros.

Mediante esse movimento, justifico a necessidade de mais ações no âmbito da musealização da arqueologia com as comunidades, com a proposição de exposições locais como movimento de partida. Consequentemente, indico o potencial da criação de museus comunitários, tendo como ponto inicial as vontades comunitárias, que se configuram como um ótimo movimento para a gestão. Isso se deve especialmente ao rico contexto local e a valorização das memórias, na qual a arqueologia se tornaria mais um elemento, entre tantos outros. Especialmente na comunidade de Tauary, todos elementos para a criação de um museu comunitário de referência para a Amazônia está ali. Nós pesquisadores(as) podemos ser parceiros(as) nesse processo.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa só foi possível devido ao apoio do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), dos(as) colegas e amigos(as) do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, que me inseriram em uma rede de parentesco científico

e especialmente as famílias, ex-seringueiros, agricultores(as), professores(as) e lideranças das comunidades de Boa Esperança e Tauary. Obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

SILVA, Maurício André. *Memórias e histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Maurício André da. *Abordagens educacionais para uma arqueologia parente com comunidades tradicionais da RDS Amanã e da Flona Tefé, Amazonas*. 2022. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Palavras-chave: Arqueologia amazônica; Arqueologia parental; Colaboração; Comunidades tradicionais; Educação patrimonial.

Keywords: Amazonian archaeology; Kin-making archaeology; Collaboration; Traditional communities; Heritage education.